



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARA LUCIA NOSCHANG CABREIRA**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Mara Lucia Noschang Cabreira

**Nascimento:** 21 de setembro de 1963

**Local da entrevista:** escola da entrevistada

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 12 de março de 2015

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 29 min. 30 seg.

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

**O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.**

## **Sumário**

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Início na dança; Professora Pérola; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Metodologia e o uso da varinha; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos de Dança; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 12 de março de 2015. Entrevista com Mara Lúcia Noschang Cabreira cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

M.N. – Mara Lucia Noschang Cabreira.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

M.N. – 21 de setembro de 1963.

M.C. – Qual tua formação profissional?

M.N. – Sou professora de Ballet e Danças de Salão, formada também em Propaganda e Publicidade e com especialização em Dança ambos na PUC.

M.C. – Qual tua naturalidade?

M.N. – Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que me falasse como iniciou tua história na dança.

M.N. – Eu lembro exatamente. Na época eu tinha dez anos e morava em Santa Maria, no interior. Meu pai era militar, subtenente, e ele foi transferido para lá e ficamos dois anos. Lá tinha dança na escola no Instituto de Educação e eu gostava de olhar. E nós voltamos a Porto Alegre por um motivo triste, pois meu pai adoeceu, ele teve um câncer de estômago e trouxeram ele para cá porque aqui havia mais recursos no Hospital Militar. Então, eu fui estudar na escola Ildefonso Gomes, na frente do Shopping João Pessoa, e tinha um anexo do Colégio Julinho<sup>1</sup>. Eu estudava numa sala no anexo do Julinho na Rua Luiz Manoel e cada vez que eu saía da sala, tinha aquela porta aberta e eu via a professora Pérola Amaral da Silva e todas as alunas dançando, de malha cor de rosa. E eu ficava ali namorando a aula, até minha tia vir me buscar, pois minha mãe ficava com meu pai no hospital. Eu e meu irmão, que estudava no colégio militar, moramos temporariamente com minha tia. E eu ficava na saída namorando a aula de balé... Minha tia tinha uma lancheria na Rua Santana e ela viu que eu estava me interessando pelo balé. Na época eu visitava o meu pai todos os dias, todo meu tempo livre depois da aula eu dedicava a visitar meu pai no

---

<sup>1</sup> Colégio Estadual Julio de Castilhos em Porto Alegre RS.

hospital. O estado dele começou a piorar, ele operou, mas já estava tomado o câncer de estômago. E ela começou a dizer que eu não poderia visitá-lo todos os dias... eu queria saber o porquê. Ela me respondeu: “porque eu vou te colocar no balé!” E eu fiquei muito feliz! Assim, minha tia me matriculou no balé e as visitas ao meu pai passaram a ser dia sim, dia não. Com o balé, eu não questionava isso, eu me distraía, porque gostava muito. O meu pai veio a falecer em final de maio daquele ano e eu sofri muito, pois era muito apegada a ele... Aí eu me agarrei mais ainda à dança, como se ela fosse o meu consolo, e era... Fiquei fiel à professora Pérola até ela ter o segundo filho, quando, então, estava no quarto ano de ponta. Nesta época, ela comunicou às suas alunas que ia parar de dar aula e indicou outras escolas tais como: Vera Bublitz, Lenita Ruschel, Salma Chemale e o seu Rolla que era a que ficava mais próxima.

M.C. – Sabes dizer com quem a professora Pérola estudou balé?

M.N. – Ela era aluna da Lenita Ruschel, acho que foi uma das primeiras alunas que a Lenita formou. Ela foi minha primeira professora, nunca vou esquecer. Todos os meus alunos falam que, quando eu estou dando aula, vou mencionando os nomes técnicos dos passos e assim eles também vão aprendendo e gravando na memória. Isso eu aprendi com ela. Além disso, sempre no final de cada ano, ela aplicava prova prática e prova teórica.

M.C. – E como foi teu ingresso na escola de João Luiz Rolla?

M.N. – Depois da escola da Pérola, eu passei a frequentar a escola do seu Rolla e lembro que, ao invés do quarto ano de ponta, ele me colocou no terceiro. Eu não me importei, porque queria só dançar, nem imaginava que um dia viria a me formar e ser professora. Lembro que um ano antes da formatura teve várias aulas teóricas, tínhamos que fazer uma coreografia para apresentar à banca avaliadora e, além de balé, tinha que saber sobre danças acadêmicas como samba no pé, frevo e outros ritmos modernos que dançávamos. As próprias professoras davam um pouco desse conteúdo... Lembro que eu tinha dificuldade no samba no pé por ser “dura”. Então, as próprias professoras davam uma noção desses outros ritmos porque faziam a faculdade de Educação Física. No meu diploma consta que sou formada em Ballet Acadêmico e danças.

M.C. – Quanto tempo tu estudaste na escola de João Luiz Rolla?

M.N. – Eu entrei na escola do Rolla e voltei para o 3º ano de ponta... no ano que ia me formar, torci o pé no Vôlei, no primeiro ano da faculdade e então, tive que fazer mais um ano de balé, sendo que me formei em 1984. Então, frequentei a escola do Rolla durante cinco anos até me formar.

M.C. – Como ele era como professor?

M.N. – Ele era muito rígido. Muitas vezes eu chegava em casa chorando. Depois eu vi que não era só eu. Às vezes eu o amava, às vezes eu o odiava! E ele tinha uma varinha pra bater na perna, quando não esticávamos ela... levava aquele sermão se chegasse atrasada! Eu fui uma das poucas alunas que chegava a pé. A maioria das minhas colegas eram levadas de carro pelos pais. A minha mãe não tinha carro na época, então eu ia de ônibus e atravessava a Redenção... algumas vezes atrasava, aí eu ouvia... Quando a aula passou a ser à noite minha mãe queria me tirar e eu mentia que ia de carona, porque ela não queria que eu atravessasse o Parque da Redenção, mas na saída eu pegava uma carona com alguma das colegas. Lembro que ele era muito rígido também nessa questão dos horários: não podíamos chegar atrasados, muito menos sair antes de a aula acabar realmente. Mas muitas vezes ele era legal, brincalhão. A forma dele demonstrar carinho pelo aluno era apelidando. Meu apelido era “Maroca” e a minha melhor amiga do balé na época ele chamava de “Maria Louca”, a Maria Dolores, uma amiga que também saiu da Pérola e entrou no Rolla junto comigo... Eu gostava de conversar na aula, mas a Dolores falava bem mais, por isso o apelido. Então, além do Rolla, tinha sempre outra professora ministrando a aula com ele. Ele era idoso, mas muito ágil, mostrava e explicava todos os exercícios como tem que ser. A outra professora demonstrava os movimentos mais avançados. Dentre as professoras que o acompanhavam eu me lembro da Laura Nikolaievsky<sup>2</sup>, Regina Guimarães<sup>3</sup>, a Maria Aparecida Agustoni<sup>4</sup>, o Ricardo Ordoñez<sup>5</sup>, a Vera<sup>6</sup> e a Virginia Ruschel<sup>7</sup>, todos eles foram meus professores também.

M.C. – Gostaria que contasse sobre os espetáculos.

---

<sup>2</sup>Laura Guimarães Nicolaievsky, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>3</sup>Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>4</sup>Maria Aparecida Agustoni, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>5</sup>Bailarino, coreógrafo nasceu na cidade de Rosário-Praça de Santa Fé Argentina(1939-2009). .

<sup>6</sup>Vera Ruschel, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>7</sup>Virginia Ruschel, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

M.N. – Eles aconteciam na Assembleia Legislativa. Ele sempre contratava, além dos bailarinos que ele tinha, uns meninos da ginástica olímpica que passaram a ser alunos lá. Tinha o Paulo<sup>8</sup>, que depois de algum tempo soube que ele foi para o Municipal do Rio de Janeiro, e o Marcelo Lomando<sup>9</sup>, que depois se tornou bailarino contemporâneo. Lembro também do Flávio<sup>10</sup> e do Jairo<sup>11</sup>. Além deles, vinham outros bailarinos de fora para fazer o Pas de Deux e compor o elenco dos espetáculos. O espetáculo que mais me marcou foi um que as professoras Vera e Regina além de outras solistas, dançaram com um macacão verde água. Na época eu achei muito lindo! Eu acho que era alguma coisa como: “O Despertar das Formas”. Eu achei bem bonito porque achei moderno. Eu era adolescente, mas não dancei nessa parte porque era só o pessoal formado e as professoras eram as solistas. Ele sempre contratava um bailarino de fora para o Pas de deux, mas eu não me ligava nos nomes deles. Dos espetáculos que me lembro, eu dancei os Patinadores, Valsa de Strauss, a Mazurca do Balé Copélia, El Condor Pasa, Estudos Sinfônicos de Schumann, a Dança das Horas...

M.C. – Gostaria que falasse sobre tua formatura.

M.N. – Foi na própria escola. Eu lembro que podíamos convidar umas duas pessoas para assistir. Eu chamei um amigo e minha mãe. Era uma aula aberta. Tinha um grupo de pais e convidados. Fazíamos a aula com a presença de alguns professores. Tínhamos que apresentar uma coreografia de nossa autoria. Eu fiz uma coreografia com características espanholas. Utilizei um disco de vinil que uma colega emprestou. A música ou disco se chamava Andaluzas ou Andaluzia, não lembro exatamente. Eu fiz a coreografia e o seu Rolla me elogiou muito! Lembro que ele disse: “Olha, a Maroca foi criativa!” E também ganhei dele um quadrinho no último ano, prêmio de frequência, por não ter faltado nenhum dia às aulas. Um quadro com uma imagem de um casal de bailarinos, pena que ele não colocou dedicatória. Tenho ele até hoje! Quanto às fotos dos espetáculos, tenho muito poucas. Na época era uma coisa muito cara e eu só comprava as fotos que sobravam, porque aí o fotógrafo fazia mais barato. Então eu comprava aquelas que eu aparecia sozinha. Tenho poucas em grupo. E a minha mãe tem fotos minhas com ele.

---

<sup>8</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>9</sup> Marcelo Lomano, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>10</sup> Luis Flávio Alves Rodrigues, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>11</sup> Nome sujeito à confirmação.

M.C. – Após a formatura tu ainda teve algum contato com a escola ou com o professor?

M.N. – Depois que me formei, em 1984, fui dançar na escola da Salma Chemale<sup>12</sup>, e lá eu fiquei por mais dois anos. Eu sempre achava que quando nos formávamos, deveríamos conhecer outras escolas. Não me lembro porque, pois eu gostava do Rolla e senti muitas saudades da escola dele, mas naquele tempo eu achava que tinha que passar por outra escola. Eu casei e fui morar em Santa Cruz do Sul e depois fui para o Rio de Janeiro. Eu fiquei um pouco sem contato com a escola do Rolla e também não procurei por timidez. Com as correrias do dia a dia, cada colega seguiu o seu rumo, falava mais com a Maria Dolores que saiu um ano antes de mim. Ela saiu do balé antes de se formar para fazer o Cursinho pré vestibular e passou na UFRGS. Eu não fiz o cursinho, não passei na UFRGS, mas me formei no Balé. Queria fazer faculdade de Educação Física, porque algumas cadeiras se relacionavam à dança, mas por causa de um preconceito que tinha na época, minha mãe não me apoiou a fazer este curso. Então eu entrei para a faculdade de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda, por incluir em seu currículo outra coisa que eu gostava de fazer: desenhar. Casei quase no final da faculdade, aos vinte e um anos de idade. Até então, fiz vários estágios em agências de propaganda e, simultaneamente, fiz o curso de magistério especial para também ser professora. Quando casei, fui morar em Santa Cruz do Sul e lá eu entrei no curso de Jazz. Eu não conseguia parar com a dança! Mas lembro que não gostei, pois as aulas não eram avançadas. E acabei saindo. De volta a Porto Alegre, comecei a trabalhar como instrutora de Balé no Teresópolis Tênis Clube, e tive os meus dois filhos. Depois fomos morar no Rio de Janeiro e lá eu cheguei a dançar em um grupo que se chamava Corpo, que talvez seja esse grupo Corpo que ficou famoso na dança contemporânea. Quando voltei a Porto Alegre, trabalhei em várias academias de dança e novamente no Teresópolis Tênis Clube, e reencontrei algumas colegas do Balé que me comentaram que o Seu Rolla já fazia um tempo que não estava mais no Auditório Araújo Viana, onde ficava a sua escola. Que o governo da época havia colocado outra professora.

M.C. – Tu poderias falar algo sobre o momento de encerramento da escola?

M.N. - Eu tenho uma matéria no jornal que colocaram uma página inteira. Ele ainda era vivo. Eu tenho guardado isso. Mas eu soube que depois que ele saiu do Araújo Viana,

---

<sup>12</sup> Bailarina, ex-aluna de Mina Black e Nenê Dreher Bercht no Instituto de Cultura Física em Porto Alegre.

ainda dava aula na escola de uma das professoras que ele formou. Eu estava bem por fora mesmo, e do falecimento dele eu soube através de um tio meu que ouviu na rádio. O fato de eu ter meus filhos muito cedo transformou minha vida numa correria.

M.C. – O que representava dançar nessa escola?

M.N. – Ela era uma escola muito tradicional. Eu acho que era a única escola registrada realmente. A minha mãe falou que ele tinha registro no MEC. Como escola de dança, o valor das mensalidades não era o mais caro, mas ele tinha a fama de ser a melhor escola, como formador de grandes bailarinos. Era uma escola rígida no balé clássico e formador de bons bailarinos. Naquele tempo, só as classes mais privilegiadas é que colocavam os filhos no balé, pois o balé representava o luxo e o requinte. Havia escolas assim, que faziam propaganda na televisão e com mensalidades caras. Mas não era isso que atraía a opinião da minha mãe que me colocou lá. Ela soube como referência de escolas de balé de Porto Alegre, a escola de João Luiz Rolla. Quando frequentei a escola do Seu Rolla pela primeira vez, estava movimentada de alunos que eram pessoas simples como eu e por isso gostei muito.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M. N. – Eu tenho o maior orgulho de falar que me formei na escola do Rolla. Só depois, quando eu estava perto de me formar, que fui entender o porquê da rigidez dele. Isso foi uma prova para ver até que ponto eu realmente gostava do balé. Aquele período em que eu chegava em casa chorando, depois da aula, passou. Eu voltava e nunca desisti! Quando se quer muito alguma coisa, não se desiste fácil. Quando eu me formei, eu já amava o seu Rolla. Foi com ele que eu descobri o que é realmente amar uma coisa e querer muito. Porque às vezes as pessoas com um pouquinho de rigidez já se sentem humilhadas e desistem. Vejo que os bailarinos de antigamente eram bem mais comprometidos com a escola e com a dança, não pela técnica que eles adquiriam, mas por sentirem algo assim: “se tu quer realmente tu volta, se tu não voltar é porque tu não quer”. Então o Rolla me ensinou isso, a descobrir que eu realmente amava a dança. E é por isso que eu estava ali, porque se eu não amasse, já nem voltaria no primeiro sermão dele ou na primeira dificuldade. Muitas vezes chorei, mas na verdade era de emoção, porque depois eu descobri que eu amava a dança, que eu amava ele que é meu mestre e que me ensinou

tantas coisas. Então, hoje eu tenho o maior orgulho de dizer que fui aluna de lá. Lembro muito também da minha primeira professora, que coincidentemente estudou com a Lenita, que foi aluna do seu Rolla. Quase todos os bailarinos que hoje tenho contato desde os mais antigos diretores de escola, a maioria passou ou se formou na escola do Seu Rolla.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]